



BIOPLANT: A INTEGRAÇÃO DOS SABERES POPULARES E CIENTÍFICOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS REALIZADO NO CENTRO EDUCACIONAL PROFESSOR MANOEL REIS – SANTA INÊS/BA

Dinara Silva dos Santos ¹
Débora da Silva Ferreira ²
Sandra Santos de Jesus³
Romária Pereira de Araújo⁴
Reinalda de Jesus Pedra⁵

RESUMO

O presente trabalho intitulado “BIOPLANT: a integração dos saberes populares e científicos sobre plantas medicinais realizado no Centro Educacional Professor Manoel Reis – Santa Inês/BA”, foi um projeto desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, cujo objetivo é interligar os saberes do senso comum com o conhecimento científico, utilizando recursos disponibilizados por alunos, familiares e comunidade. Os procedimentos metodológicos foram divididos em três etapas: levantamento bibliográfico sobre uso de plantas medicinais; resumo sobre plantas medicinais; solicitação de amostra de plantas utilizadas pelos pais/responsáveis dos estudantes do 7º ano A do Centro Educacional Professor Manoel Reis. Na 3ª etapa, ocorreu uma Oficina ministrada pela coordenadora do grupo GEPPLAN do IF Baiano sobre o uso e a importância de plantas medicinais. A culminância a ocorrer será a confecção de uma horta vertical com plantas medicinais, utilizando objetos recicláveis para a confecção. Os resultados parciais mostram a importância de se trabalhar a temática com os estudantes, visto que a escola é majoritariamente composta por alunos da zona rural. Essa ação ajuda a aproximar os estudantes e familiares a conciliar seus conhecimentos prévios (senso comum) com os conhecimentos científicos. Além de sensibilizá-los para a importância da reciclagem. Através do projeto Bioplant, foi possível integrar ações conjuntas entre pibidianos dos cursos de Licenciatura em Geografia e de Ciências Biológicas do Instituto Federal Baiano *Campus* Santa Inês, promovendo a interdisciplinaridade. Ao término do projeto, percebeu-se que os alunos puderam compartilhar saberes populares transmitidos por familiares, além de aprender conhecimentos científicos através de interações durante a realização de oficinas – mediadas por uma especialista da área – e por meio de rodas de conversas e jogos didáticos, a citar o jogo de perguntas e respostas utilizando plaquinhas divertidas, promovendo conhecimento, interação e ludicidade.

Palavras-chave: Senso comum, Bioplant, Plantas medicinais.

1 Graduada do Curso de **Licenciatura em Biologia** do IF Baiano *Campus* Santa Inês-BA, dinara.londres@gmail.com

2 Graduada do Curso de **Licenciatura em Geografia** do IF Baiano *Campus* Santa Inês-BA, debofg@email.com;

3 Graduada do Curso de **Licenciatura em Biologia** do IF Baiano *Campus* Santa Inês-BA, samilemy02@hotmail.com

4 Docente do IF Baiano *Campus* Santa Inês-BA, romaria.araujo@ifbaiano.edu.br.

5 Docente do Centro Educacional Professor Manoel Reis em Santa Inês-BA, nalda.rpj20@gmail.com.





INTRODUÇÃO

A escola constitui-se em um espaço privilegiado para o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. O projeto “BIOPLANT: a integração dos saberes populares e científicos sobre plantas medicinais” nasceu da necessidade de aproximar os estudantes do Centro Educacional Professor Manoel Reis – Santa Inês/BA da realidade científica, sem desconsiderar a sabedoria tradicional presente em suas famílias e comunidades. Desenvolvido no âmbito do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Instituto Federal Baiano *Campus* Santa Inês, o projeto teve como eixo a valorização dos saberes populares sobre plantas medicinais e sua articulação com o conhecimento científico, a partir de práticas pedagógicas interdisciplinares entre as áreas de Biologia e Geografia.

A iniciativa partiu da observação de que muitos alunos utilizam, em seus lares, chás, infusões e garrafadas, transmitidos por gerações. Esse conhecimento tradicional, apesar de sua relevância, frequentemente é invisibilizado pela escola formal e em outros espaços sociais. Assim, o Bioplant surgiu como proposta de ressignificar o currículo, tornando-o mais próximo da realidade dos alunos e promovendo o diálogo entre ciência e cultura popular. A justificativa do projeto se baseia na importância de desenvolver uma educação científica crítica e contextualizada.

Segundo Freire (1996, p. 32), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e é a partir dessa premissa que o projeto se desenvolveu, buscando a integração entre o saber cotidiano e o conhecimento científico. Além disso, Santos (2010) defende a “ecologia dos saberes”, em que o conhecimento científico e o popular se complementam, construindo uma visão plural da realidade. Dessa forma, o Bioplant busca fortalecer uma aprendizagem significativa e dialógica, pautada na interdisciplinaridade e na valorização cultural. O projeto também visou discutir temas como o uso sustentável dos recursos naturais, a importância da biodiversidade e o reaproveitamento de materiais recicláveis, reforçando o compromisso da escola com a educação ambiental.





METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido entre os meses de abril e agosto de 2025 com os estudantes do 7º ano A do Centro Educacional Professor Manoel Reis na cidade de Santa Inês - Bahia. O trabalho foi organizado em três etapas principais, seguindo uma abordagem participativa e interdisciplinar, mediada por bolsistas do programa PIBID atuantes na supracitada unidade de ensino, sendo estes estudantes de cursos distintos: licenciatura em Biologia e licenciatura em Geografia do IF Baiano *Campus* Santa Inês.

A primeira etapa consistiu em um levantamento bibliográfico sobre o uso de plantas medicinais na cultura popular e na ciência, com base em materiais disponíveis em fontes digitais ou em livros científicos. Paralelamente, os pibidianos elaboraram um material de apoio com informações sobre o nome popular, nome científico, parte utilizada e propriedades terapêuticas de algumas plantas.

Na segunda etapa, foi solicitado aos alunos que trouxessem exemplares de plantas utilizadas em suas casas, acompanhadas de relatos de uso feitos por seus familiares para que compartilhassem com os demais colegas. Essa ação possibilitou verificar quais espécies eram mais populares entre os alunos e de que forma eram utilizadas pelos alunos e por seus familiares, evidenciando as finalidades de cada espécie medicinal. Essa etapa promoveu a valorização da oralidade e do saber local. Por sua vez, os pibidianos atuaram como mediadores, estimulando o diálogo entre os estudantes e incentivando a curiosidade científica.

Em outra ocasião, os conhecimentos dos discentes foram colocados à prova por meio de um jogo didático com perguntas e respostas, utilizando plaquinhas interativas (Fig 1). Esta atividade estimulou ainda mais a participação dos estudantes, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e lúdico, além de servir como meio de avaliação do aprendizado dos discentes, os quais foram incentivados a trabalhar em equipe e a interagir uns com os outros. A turma foi dividida em equipes de 4 ou 5 pessoas. Os grupos que conseguiram responder a maior quantidade de respostas corretamente foram premiados com um prêmio simbólico ou com pontuação na média escolar. Essa atividade teve o intuito de verificar quais informações e conhecimentos os alunos compreendiam sobre plantas medicinais, como nomes populares, usos comuns, dentre outras informações.



Figura 01. Plaquinhas utilizadas em jogo didático interativo de perguntas e respostas sobre plantas medicinais.



Fonte: próprio autor.

A terceira etapa contou com a participação da coordenadora Rosineide Braz Santos Fonseca do GEPPLAN – Grupo de Estudos e Pesquisas em Plantas do IF Baiano *Campus* Santa Inês – que é especialista da área de botânica e docente da supracitada unidade de ensino superior/técnico (Fig. 02). Sob convite dos pibidianos e da supervisora, ela realizou uma oficina sobre o uso responsável e seguro de plantas medicinais, trazendo informações importantes sobre o assunto. Para tanto, como material de apoio durante as explicações, foram utilizadas exsicatas (amostras de plantas desidratadas e conservadas através do método de prensagem), apresentação em PowerPoint, exemplares in natura de plantas medicinais como Boldo, Capim-santo, Erva-doce, além de diferentes tipos de produtos feitos a partir de plantas medicinais, como chás de pacote, xaropes, incluindo cosméticos como sabonetes e shampoos, dentre outros.

O espaço escolhido para a realização da oficina foi a própria sala de aula no Centro Educacional Professor Manoel Reis. Os alunos foram organizados em carteiras dispostas em círculo para uma melhor visualização dos materiais apresentados e para facilitar participação dos mesmos durante a explicação.



Figura 02. Momento da Oficina ministrada pela Coordenadora do GEPPLAN, Rosineide Braz Santos Fonseca, docente do IF Baiano *Campus Santa Inês*.



Fonte: próprio autor.

Por fim, a culminância do projeto deu-se com a confecção de uma horta vertical, utilizando materiais disponibilizados sustentáveis, alguns disponibilizados pela Escola e outros coletados e levados pelos alunos. Essa prática buscou unir sustentabilidade e aprendizagem ativa, permitindo que os alunos cuidassem das plantas e observassem seu desenvolvimento ao longo das semanas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O diálogo entre saber popular e conhecimento científico tem sido objeto de discussão em diversas áreas da educação, da filosofia e da ciência. Segundo Freire (1996), o processo educativo deve partir do contexto sociocultural do aluno, valorizando o saber popular como base para a construção do conhecimento científico. Essa perspectiva favorece uma aprendizagem significativa, em que o estudante é sujeito ativo no próprio processo de construção do saber.

Santos (2010) propõe a ideia de “ecologia dos saberes”, que busca romper com a hierarquia entre o saber científico e o tradicional. Essa ecologia reconhece que ambos



possuem legitimidade e podem se complementar na busca por soluções mais humanas e sustentáveis. Já

Capra (2006) destaca a importância de compreender os sistemas vivos de maneira integrada, considerando as interações ecológicas e sociais que sustentam o equilíbrio do planeta. No campo da educação ambiental, autores como Loureiro (2012) e Carvalho (2004) defendem que a escola deve ser espaço de reflexão crítica sobre as relações entre sociedade e natureza. O uso pedagógico de plantas medicinais, nesse sentido, contribui para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a sustentabilidade. Essas referências fundamentaram o Bioplant como uma ação interdisciplinar e dialógica, que une o ensino de Biologia e Geografia favorecendo o protagonismo estudantil e o respeito aos saberes tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento do projeto resultou em uma série de aprendizados significativos para os estudantes, os pibidianos e a comunidade escolar. A coleta de informações e relatos sobre as plantas medicinais revelou uma grande diversidade de espécies utilizadas na região, como boldo, hortelã, erva-cidreira, babosa e capim-santo. Os alunos demonstraram entusiasmo e participativos ao compartilhar os conhecimentos de seus familiares, reforçando o vínculo entre escola e comunidade. Durante a oficina ministrada pela coordenadora do GEPLAN foram apresentadas amostras de plantas desidratadas, conservadas através do método de prensagem e chamadas de exsiccatas. Oportunamente, aicineira ensinou brevemente como é feito o referido processo de conservação das exsiccatas. Foi explicado que as espécies vegetais coletadas na natureza são prensadas e colocadas para secagem e depois montados em uma cartolina contendo informações sobre a planta. Essas amostras geralmente constituem uma coleção que é chamada de herbário, uma biblioteca viva, que serve para catalogar plantas a fim de identificá-las, e compará-las com outras, servindo de material de estudos, florísticos, taxonômicos e ecológicos por pesquisadores.

Ademais, outras informações foram trazidas, a citar os princípios ativos, modo de preparo, indicações, propriedades fitoterápicas e possíveis riscos de uso inadequado. Essa etapa foi fundamental para consolidar a relação entre o conhecimento popular e o científico, pois, foi o momento que os discentes puderam aprender mais, trazer experiências e tirar





dúvidas. A oficina despertou nos estudantes uma postura mais crítica e consciente sobre o uso das plantas medicinais, uma vez que os alunos tiveram contato com informações relevantes acerca do uso

adequado de cada planta, a forma de preparo, indicações, precauções, dentre outros, levando para casa os saberes científicos aprendidos na escola.

Observou-se, ao final do processo, o fortalecimento do conhecimento prévio e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como trabalho em grupo, cooperação e respeito mútuo. Do ponto de vista pedagógico, o Bioplant demonstrou o potencial das metodologias ativas para o ensino de ciências. Ao relacionar o conteúdo curricular com o cotidiano dos estudantes, o projeto proporcionou uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, confirmando as ideias de Freire (1996) sobre a construção coletiva do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Bioplant reafirmou a importância de integrar o saber popular e o conhecimento científico na educação básica, promovendo o respeito à diversidade cultural e o desenvolvimento da consciência ambiental. A experiência permitiu perceber que os alunos, ao compartilharem seus saberes transmitidos por seus familiares, tornaram-se agentes ativos no processo educativo, fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade e reconhecendo-se como produtores de conhecimento. O projeto contribuiu para o desenvolvimento de competências científicas, ambientais e socioemocionais, alinhando-se aos princípios da BNCC (BRASIL, 2018) e às diretrizes do PIBID. A experiência revelou que metodologias participativas e interdisciplinares favorecem o engajamento estudantil e a construção de uma aprendizagem significativa. A interdisciplinaridade entre Biologia e Geografia possibilitou a compreensão das plantas medicinais não apenas como recursos terapêuticos, mas também como elementos do ecossistema e da cultura local. O uso de metodologias participativas mostrou-se eficaz para estimular o interesse, a autonomia e o protagonismo estudantil. Para os pibidianos, o projeto representou uma oportunidade de crescimento profissional, pois permitiu a vivência de práticas pedagógicas inovadoras e contextualizadas. Conclui-se que experiências como o Bioplant devem ser fortalecidas nas escolas públicas, pois contribuem para uma educação mais humanizada, crítica e sustentável.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.



